

1- Contextualizando a defesa como processo criativo

Ainda no período da pré-psicanálise, Freud esbarra em um obstáculo que emperra o trabalho, cuja técnica era uma união entre a sugestão hipnótica e a catarse. “Nesse momento, abandona a hipnose e se defronta com um fenômeno que não podia ocorrer com o paciente sob efeito hipnótico: a defesa” (Garcia-Roza, 2004: 169). A defesa psíquica, cujo sinal externo é a resistência, surge como censura do “eu” contra a idéia ameaçadora que deve ser mantida fora da consciência.

A defesa foi mencionada no artigo freudiano “Comunicação Preliminar” (1893), mas, em nossa leitura, percebemos que é no artigo “As Neuropsicoses de Defesa” (1894) que a noção de defesa começa a ser desenvolvida com acuidade. Freud, ávido por compreender o problema das neuroses, descobre que a defesa surge como uma tentativa mal sucedida - segundo a experiência clínica descrita por ele - do sujeito expulsar a representação incompatível; a fim de “resolver a contradição existente entre a representação incompatível e seu eu por meio da atividade de pensamento” (Freud, 1894: 55).

Entendemos que o mais próximo que se pode chegar da efetivação dessa empreitada ocorre quando o “eu” consegue diminuir a intensidade da representação, esta, por sua vez, reduz o afeto vinculado ao traço mnêmico. “A representação fraca não tem, então, praticamente nenhuma exigência a fazer ao trabalho da associação. Mas a soma de excitação, desvinculada dela, tem que ser utilizada de alguma outra forma” (Ibid.: 56).

Cabe ressaltar que, neste artigo, Freud ainda está pensando em termos de recalçamento histórico e formação de sintomas neuróticos. Essa noção de defesa será mais tarde reformulada, atendendo às exigências da segunda tópica (trabalhos freudianos datados após 1920), abrangendo não somente os processos de recalçamento histórico. Este tópico será examinado, com maior afincio, posteriormente.

Podemos apreender, a partir da obra de Freud, que o aparelho psíquico é proposto como uma entidade metapsicológica hipotética, funcionalmente representável, topograficamente determinável no sistema nervoso e, apesar disso, anatomicamente não localizável. Sob sua estruturação e funcionamento,

podemos depreender que o aparelho psíquico é formulado metapsicologicamente dos pontos de vista: dinâmico, econômico e tópico.

No que se refere à concepção dinâmica, o estudo trata da interação das forças atuantes no aparelho psíquico, as quais são entendidas como construtos hipotéticos de natureza física. Pela razão hipotética é que entendemos que os termos psíquicos utilizados por Freud a fim de conceituar tais forças podem ser considerados meramente epifenômenos, ou seja, fenômenos cuja ausência ou presença não altera a consideração do mesmo.

Quanto ao aspecto econômico, entendemos que o estudo recai sobre os princípios reguladores do psiquismo, que tendem à manutenção de uma intensidade, um “quantum” energético constante e adequado.

Do ponto de vista topográfico, observamos que o estudo remete aos sistemas ou regiões organizadas que representam o aparelho psíquico, bem como suas estruturas “inibidoras” (“barreiras”, “limiões”, “ligações” etc.). Podemos sugerir que essa última organização psíquica segue influências do modelo evolucionista darwiniano, dentre outros.

Procuremos, brevemente, introduzir a obra freudiana em sua demarcação topográfica, cujos aspectos exercem indubitável importância metapsicológica. A teoria freudiana sobre o aparelho psíquico se divide em duas teorias tópicas; entretanto, a segunda tópica, adverte Garcia-Roza (1994), sequer seria uma tópica, pois não se refere a “lugares” psíquicos, muito menos se propõe a substituir a primeira tópica.

Seguindo a proposição da primeira tópica, o aparelho psíquico é dividido pelos sistemas inconsciente, pré-consciente, consciente. Em nosso julgamento, a principal atenção freudiana recai sobre a economia libidinal, ou seja, trata-se da distribuição da libido entre os sistemas, a fim de proporcionar um equilíbrio entre eles, atentando para o conflito que ocorreria entre os sistemas pré-consciente-consciente e as pulsões sexuais, estas últimas mantidas distanciadas da consciência por uma “instância recaladora”, representada nas mais variadas formações inconscientes. No sonho, por exemplo, Freud afirma que tal instância recaladora seria uma das funções egóicas. Diz ele: “(...) a deformação onírica é conseqüência da censura exercida por intenções reconhecidas do ego contra impulsos plenos de desejo de qualquer modo censuráveis, que perturbam nosso interior, à noite, durante nosso sono” (Freud, 1916[1915-16]: 149).

Nesse sentido, podemos aferir que a defesa, com sua complexidade, vem sofisticar a operação direta e, muitas vezes, falha da ab-reação. Seguindo os preceitos da primeira tópica, a defesa, sob esses diversos aspectos ligados à especificidade da afecção psicogênica - na neurose obsessiva: o isolamento, anulação retroativa e as formações reativas; na histeria: conversão somática; na fobia: transposição do afeto, e, na paranóia: projeção - teria, portanto, um mesmo desígnio: afastar a representação “perturbadora” do afeto cuja origem mantinha-os intrincados.

Após a virada da primeira para a segunda tópica, mais detidamente no artigo “Além do Princípio do Prazer” (1920), Freud propõe três instâncias psíquicas (Id, ego e superego); as pulsões de vida e morte animam tais instâncias e o conflito psíquico é descrito de maneira complexa e diversificada. O contraste entre pulsão de autoconservação e pulsão de conservação da espécie, ou o contraste entre o amor do eu e o amor objetal, segundo Freud “incide dentro de Eros” – pulsão de vida (Freud, 1940[1938]: 161), lembrando que a sexualidade tem papel central no conflito psíquico.

A nosso ver, é aparente a instauração da pulsão de morte como pólo conflitivo, quanto mais desatrelada de Eros ela estiver, podendo chegar, até mesmo, ao desligamento de Eros, como ocorre no caso da melancolia; nela, o conflito ambivalente (amor e ódio), que seria dirigido ao objeto, volta-se contra o ego de forma destrutiva.

A segunda tópica nos conduz para a retomada e amplitude do termo “defesa”. Podemos, assim, compreender essa proposição freudiana como aquilo que protege o eu contra as exigências pulsionais; sendo comumente aceito em psicanálise que a noção do eu [ego] só apresentaria um sentido estritamente psicanalítico, técnico, após 1920. Esta mudança teria desviado o interesse da psicanálise na elucidação dos conteúdos inconscientes para a análise do ego e seus mecanismos de defesa.

Embora essas duas divisões tópicas estejam brevemente citadas aqui, certos aspectos inerentes a cada uma delas serão retomados, conforme sua pertinência, ao longo da presente dissertação.

Em “Inibições, Sintomas e Ansiedade”¹ (1926[1925]), Freud atribui a origem da defesa ao Eu², uma vez que este é o representante do princípio de realidade e tem função de síntese, ou antes, é o produto de uma identificação imaginária – relacionado ao conteúdo ideativo, ou seja, à fantasia - e objeto do amor narcisista, entendido, este último, como investimento libidinal dirigido ao próprio Eu.

Na segunda tópica, julgamos que o princípio de prazer é compreendido como método primário do funcionamento psíquico; contudo é ineficaz em se tratando da autopreservação do organismo e até pode assumir caráter de perigo. Sob influência da pulsão de autopreservação egóica, há uma substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade que, por sua vez, também não abandona, apenas adia a intenção de obter prazer, nesse sentido, o desprazer é tolerado temporariamente a fim de alcançar o destino “turvo”, “indireto” e “longo” de obter o prazer.

Consideramos de grande relevância salientar certas passagens freudianas que ressaltam o poder de síntese exercido pelo Eu e o mesmo como representante do princípio de realidade:

O ego é uma organização. Baseia-se na manutenção do livre intercâmbio e da possibilidade de influência recíproca entre todas as suas partes. Sua energia dessexualizada ainda revela traços de sua origem em seu impulso para agregar-se e unificar-se, e essa necessidade de síntese torna-se mais acentuada à proporção que a força do ego aumenta. [...] No recalque, o fato decisivo é que o ego é uma organização e o id não. (Freud, 1926[1925]: 95-100)

O ego, ao sentir-se ameaçado pela realidade externa – ou seja, uma realidade que não é parte de si mesmo – empenha-se no resguardo contra determinados impulsos pulsionais do id, tratando-os como perigosos. Contudo,

¹ O termo “Angst” do alemão foi traduzido para a edição inglesa como “anxiety” – termo consagrado em uso psiquiátrico e benquisto pela tradição inglesa – este modelo inglês se manteve na edição Standard Brasileira. Todavia, esse quadro de valorização psiquiátrica opõe-se à tentativa freudiana de distanciar a psicanálise da medicina; além de desviar o termo original “Angst” da semântica mais próxima encontrada na língua portuguesa: “é em ‘angústia’ que encontramos reproduzida, em português, essa idéia de estreitamento e restrição (...). São também essas as idéias presentes no alemão ‘Angst’ (...)” (Strachey in.Freud, 1895[1894]:118). Adotamos o termo “angústia” no lugar de “ansiedade” no decorrer do presente trabalho. Entretanto, não pretendemos nos ater à complexidade do termo “angústia” contemplada no referido artigo “Inibições, Sintomas e Angústia”.

² O “eu” é muitas vezes compreendido como sinônimo de “ego” naquilo que versa sobre o primado da segunda tópica freudiana.

seu esforço é pouco eficaz contra os perigos pulsionais internos, em comparação com suas possibilidades protetoras contra alguma realidade externa ameaçadora.

Em adendos do mesmo artigo, Freud escreve uma nota sobre repressão³ e defesa; recolocando a expressão “processos de defesa”, cujo uso havia sido substituído por recalque, há trinta anos atrás. Nessa nota, compreendemos que Freud mantém incerta a relação entre o processo defensivo e o recalque sinalizado pelo uso do conceito de defesa, designando “todas as técnicas das quais o ego faz uso em conflitos que possam conduzir a uma neurose, ao passo que [conserva] a palavra ‘recalque’ para o método especial de defesa” (Freud, 1926[1925]: 158).

Em 1926, Freud retoma seus conhecimentos sobre recalque e defesa na histeria e neurose obsessiva, a fim de aprofundá-los. Acreditamos observar tal aprofundamento, na distinção, por exemplo, entre os processos de esquecimento e isolamento, descritos em seus estudos sobre a histeria e neurose obsessiva.

Sobre a histeria, Freud, inicialmente, verificou que o “conteúdo perceptual de experiências excitantes e o conteúdo ideativo [ou fantasia] de estruturas patogênicas de pensamento foram esquecidos e impedidos de ser reproduzidos na lembrança” (Ibid.: 159), ou seja, foram recalcados da consciência. Ao estudar a neurose obsessiva, logo adiante, ele percebeu que não havia esquecimento das lembranças patogênicas, mas um isolamento das mesmas, obtendo, ao fim desse processo, um resultado semelhante em ambas as situações. No entanto, ele observa, posteriormente e de forma inovadora, que embora o resultado possa ser idêntico, o processo de retraimento das exigências pulsionais na neurose obsessiva é distinto do processo de recalque ocorrido na histeria.

[...] na neurose obsessiva uma regressão dos impulsos instintuais⁴ a uma fase libidinal mais antiga é provocada mediante a oposição do ego, e [...] essa regressão, embora não torne o recalque desnecessário, funciona claramente no mesmo sentido que o recalque. (ibid.:159)

Nesse momento, podemos nitidamente perceber que Freud descreve de forma inovadora e bastante singular o processo dos impulsos libidinais na

³ Nota destinada à correção da tradução antiga “repressão” pela comumente usada “recalque” e, com isso, pressupomos a contínua correção ao longo da presente dissertação.

⁴ Nota da autora, destinada a considerar o termo “instinto”, do original “trieb”, como sinônimo de “pulsão”, bem como sua permanente utilização em todas as referências freudianas.

neurose obsessiva, em contraponto à histeria. A regressão à fase anal-sádica dos impulsos libidinais na neurose obsessiva conduz a uma anticatexia destinada à proteção do ego – esta última também encontrada na histeria – provocando no ego, em última instância, uma alteração ou “formação reativa”, que será abordada mais adiante ainda no âmbito do recalque.

Ao apontarmos a distinção existente entre o esquecimento das lembranças patogênicas, mecanismo implicado na histeria, e seu isolamento, presente na neurose obsessiva, uma ressalva, sobre este último processo, torna-se pertinente. De acordo com Freud:

(...) um processo de isolamento (cuja técnica ainda não pode ser elucidada) que encontra manifestação sintomática direta e para um procedimento, que pode ser denominado mágico, de “desfazer” o que foi feito – procedimento sobre cuja finalidade defensiva não pode haver qualquer dúvida, mas que não apresenta mais qualquer semelhança com o processo de “recalcamento”. Essas observações oferecem fundamentos bastante sólidos para a reintrodução do antigo conceito de defesa, que pode abranger todos os processos que tenham a mesma finalidade – a saber, a proteção do ego contra as exigências pulsionais -, e para nele classificar o recalque como um caso especial. (Freud, 1926[1925]: 159).

Em nosso conhecimento, esse processo de isolamento distingue-se completamente do recalque, estimulando, por conseguinte, o retorno do conceito de defesa cuja compreensão engloba todos os processos que pretendem proteger o ego contra as exigências pulsionais. Freud ressalva que essa distinção entre recalque e defesa pode ser primorosa, caso seja descoberta, subseqüentemente, uma relação entre formas específicas de defesa e determinadas doenças.

Neste artigo, o autor assinala a ocorrência de processos defensivos, antes mesmo da formação e cisão dos sistemas id, ego e superego, a partir da citação:

Pode muito bem acontecer que antes da sua acentuada clivagem entre um ego e um id, e antes da formação de um superego, o aparelho mental faça uso de diferentes métodos de defesa dos quais ele se utilize após haver alcançado essas fases de organização (Freud, 1926[1925]: 160).

Podemos averiguar que Freud propõe, neste trecho, o funcionamento psíquico trabalhando constantemente desde sua existência mais remota e de modo defensivo. É a partir desse pressuposto que conduzimos nossa argumentação de que todo processo psíquico pode ser entendido em termos de

defesa e, conseqüentemente, a defesa é um processo criativo, uma vez que é a partir e pela capacidade defensiva, segundo a obra freudiana, que se pode criar até mesmo o funcionamento psíquico. De outra forma ainda, o psiquismo humano, bem como qualquer processo psíquico específico, pode ser compreendido freudianamente, como produto, como derivativo da necessidade humana de se defender contra traumas – constitucionais (por exemplo, a castração) ou conjunturais – e, sobretudo, contra a própria pulsão.

Citando Souza referindo-se à obra freudiana:

“(...) é de se notar, contudo, que o funcionamento do aparelho psíquico como um todo é compreendido nos moldes da defesa, na medida em que sua função primordial é, em última instância, defender-se dos excessos de energia de origem externa ou interna. O aparelho psíquico, em primeiro lugar, funciona sempre e, em segundo lugar, funciona sempre de modo defensivo, quer seja na defesa normal [defesa contra a pulsão ou desejo], quer seja na defesa patológica [defesa contra o trauma]⁵” (Souza, 2003: 118).

Em nosso julgamento, a defesa contra o trauma foi assunto notadamente elaborado com base nos preceitos da primeira tópica. Ela designa tanto a redução ou supressão dos efeitos traumáticos atrelados às excitações intensas de fontes exógenas e endógenas através de mecanismos ligados ao eu, como, de forma mais ampla, “a ação do aparelho psíquico contra toda e qualquer excitação excessivamente intensa” (Garcia-Roza, 2004: 170). A defesa nesse âmbito não se confunde com o recalque, entretanto, pode haver certa confusão com o processo de recalque no que diz respeito à defesa como operação inconsciente.

Podemos afirmar que os artigos freudianos antecedentes à “Interpretação dos sonhos” empregam os termos recalque e defesa em proporções equiparáveis, sendo, no entanto raramente usados como termos análogos e seria ainda mais errôneo pensar que na obra freudiana o único modelo defensivo reconhecível seria o, então, recalque.

Mesmo na primeira tópica, podemos encontrar definições sobre a defesa como conceito universal que ultrapassa as diferentes formas de funcionamento psíquico – normais ou patológicas. Citando Freud:

⁵ Todos os colchetes acrescentados às frases e/ou citações, exercem funções complementares, como, por exemplo: esclarecer, aprofundar, resumir, traduzir, grifar, localizar aspectos presentes no decurso de uma referida obra etc.

Existe uma tendência normal à defesa – uma aversão contra dirigir a energia psíquica de tal maneira que daí resulte algum desprazer. Essa tendência, que está ligada às condições mais fundamentais do funcionamento psíquico (a lei da constância) (...) atua somente contra as lembranças e pensamentos. (Freud, 1896: 268)

Em concordância com Freud podemos assegurar, portanto, o caráter constitutivo do próprio funcionamento psíquico em termos defensivos. Qualquer excesso de energia – independente do fato de a sua origem ser externa ou interna – causa desprazer e deve ser evitado pelo psiquismo; essa evitação fica a cargo da defesa, em prol da lei de constância psíquica. Assim sendo, a lei de constância tende ao equilíbrio energético e em consequência, elimina-se uma possível confusão com o processo de recalque. Em outras palavras, a defesa seria, pois, o próprio funcionamento psíquico imprescindível e mais primitivo do humano; e o recalque, um mecanismo de defesa.

Vale notar que, nas especulações psicológicas mais profundas dos comentadores freudianos, encontra-se pouco ou nenhum debate sobre conceitos imprescindíveis da obra freudiana, tais como: “catexia”, “energia psíquica”, “sommas de excitação”, “quantidade”, “qualidade”, “intensidade”, entre outros.

Em nossa opinião, Freud ao delinear a lei de constância em 1892, já teria percebido o esforço desempenhado pelo sistema nervoso a fim de manter constante seu estado funcional, conservando estável a “soma de excitação”. Pouco tempo depois, a nosso ver, o princípio de constância teria a finalidade de reduzir ao nível mais baixo possível a energia psíquica. Na tentativa confirmatória de tal suposição, recorreremos à passagem freudiana, acrescida em 1897.

O funcionamento de todo o sistema nervoso estaria sujeito a um princípio geral de “inércia”, segundo o qual os neurônios sempre tendem a se livrar de qualquer “quantidade” de que possam estar cheios – um princípio correlato ao princípio de constância. (Strachey in.Freud, 1900: 23)

Com as modificações da segunda tópica, em nosso julgamento, o princípio de inércia, estaria associado ao retorno a um estado anterior de coisas profundamente arcaico onde “as coisas inanimadas existiram antes das vivas” (Freud, 1920: 49).

Revedo aspectos importantes que dizem respeito às concepções da primeira tópica, fica evidente que na “Interpretação dos sonhos” (mais especificamente no subtítulo “A psicologia dos processos Oníricos”, item E) Freud se utiliza dos sonhos para abordar a psicologia das neuroses, propondo o protótipo e o primeiro exemplo do recalçamento psíquico.

Entendemos, pois, que na histeria haveria uma cadeia de pensamento normal submetida ao “tratamento psíquico anormal” – sintomas psiconeuróticos, transformados em sintomas por meio da “condensação e da formação de compromisso, através de associações superficiais e do descaso pelas contradições, e também, possivelmente, pela via da regressão” (Freud, 1900: 624) –, atividade psíquica similar ao trabalho do sonho, quando um desejo inconsciente, derivado da infância e em estado de recalçamento, se transfere para a histeria, assim como ocorre no sonho.

Seguindo a hipótese do aparelho psíquico primitivo, podemos aferir que suas atividades têm a árdua tarefa de evitar o acúmulo de excitação, mantendo-se com o mais baixo nível de excitação possível - mais uma vez, esse processo, remete-nos à lei de constância. Percebemos, assim, que as conseqüências psíquicas das “vivências de satisfação” desembocam no acúmulo de excitação; esse excesso é experimentado como desprazer, conduzindo, assim, o aparelho psíquico a procurar repetir vivências de satisfação, estas últimas são sentidas como prazer no momento da sua execução, pois produzem um decréscimo da excitação.

A esse tipo de corrente no interior do aparelho, partindo do desprazer e apontando para o prazer, demos o nome de “desejo” (...). O primeiro desejar parece ter consistido numa catexização alucinatória da lembrança da satisfação. Essas alucinações, contudo, não podendo ser mantidas até o esgotamento, mostraram-se insuficientes para promover a cessação da necessidade, ou, por conseguinte, o prazer ligado à satisfação. (Ibid.: 624-625)

Norteados por passagens presentes na obra freudiana, percebemos, nessa seqüência de raciocínio, que o desejo, os sintomas, os sonhos, dentre outros e, sobretudo, o próprio funcionamento do aparelho psíquico, são produtos da árdua tarefa defensiva contra o desprazer. De outra maneira é no embate contra o acúmulo de excitação que diversos procedimentos – inclusive o próprio funcionamento psíquico – surgem como alternativa para evitar o desprazer.

Dentre as modalidades de defesa⁶, selecionamos o processo de recalçamento, acreditando que este seja, talvez, a mais importante das modalidades defensivas, cujo valor novamente recai na evitação do desprazer. Considerando sua importância, retrocedemos à primeira exemplificação deste processo datado por Freud em 1900:

Examinemos a antítese da vivência primária de satisfação, ou seja, a vivência de pavor frente a algo externo. Suponhamos que incida no aparelho primitivo um estímulo perceptivo que seja fonte de uma excitação dolorosa. Sobrevêm então manifestações motoras descoordenadas, até que uma delas faz com que o aparelho se retraia da percepção e, ao mesmo tempo, da dor. Quando a percepção reaparece, o movimento é imediatamente repetido (um movimento de fuga, talvez), até que a percepção torne a desaparecer. Nesse caso, não resta nenhuma inclinação a recatexizar a percepção da fonte de dor, alucinatoriamente ou de qualquer outra maneira. Pelo contrário, haverá no aparelho primitivo uma inclinação a abandonar imediatamente a imagem mnêmica aflitiva, caso algo venha a revivê-la, pela razão mesma de que, se sua excitação transbordasse até a percepção, provocaria desprazer (ou, mais precisamente, *começaria* a provocá-lo). A evitação da lembrança que não passa de uma repetição da fuga anterior frente à percepção, é também facilitada pelo fato de que a lembrança, diversamente da percepção, não possui qualidade suficiente para excitar a consciência e assim atrair para si uma nova catexia. “Essa evitação de lembrança de qualquer coisa que um dia foi aflitiva, feita sem esforço e com regularidade pelo processo psíquico, fornece-nos o protótipo e o primeiro exemplo do recalçamento psíquico.” (Freud, 1900: 626)

Entendemos ser justamente na “Interpretação dos sonhos” (1900) que se apresenta a distinção entre os dois modos de funcionamentos psíquicos: os processos primário e secundário; talvez, seja esta a mais crucial das descobertas freudianas. Pois, no referido texto, sua atenção volta-se para o estudo sobre a atividade de pensamento e, fundamentalmente, a capacidade para distinguir fantasia e realidade.⁷ Este aspecto merece profundo destaque, pois é intrínseco

⁶ Embora não seja o recorte que propusemos investigar, é digno de nota que Anna Freud foi talvez quem mais se debruçou sobre a noção de defesa, atribuindo às diversas modalidades de defesa valor de conceito, catalogando-as em relação ao eu – entendido por ela como sinônimo de pessoa, de consciente. Sobre os mecanismos de defesa listados por Anna Freud, encontramos, segundo Mijolla-Mellor: “o recalçamento, a regressão, a formação reativa, o isolamento, a anulação retroativa, a projeção, a introjeção, retorno em direção ao próprio eu, reversão a seu oposto, a sublimação, esta última, considerada sobretudo no domínio da normalidade do que das afecções nervosas (neuroses, perversões e psicoses)” (Mijolla-Mellor, 2005: 19).

Para Melanie Klein, o conceito de defesa está intimamente relacionando às posições (esquizo-paranóide e depressiva), e diz respeito “tanto aos elementos internalizados, ou submetidos a tentativas de controle, quanto aos elementos pulsionais” (Roudinesco & Plon, 1988: 142).

⁷ “Teste de realidade”: expressão que será desenvolvida em 1911 e que atribui ao ego a faculdade de perceber e distinguir a percepção sensorial. Em 1923 em “O ego e o Id” Freud estuda a “distinção entre a relação do ego com a realidade em neuroses e psicoses” (Freud, 1917)

ao processo sublimatório, assunto que será desenvolvido no capítulo subsequente.

A finalidade da inibição consiste em dar tempo para que “indicações de realidade” cheguem ao aparelho perceptual. Mas, em segundo lugar, além dessa função inibidora e retardadora, o ego é também responsável por dirigir as catexias da “atenção” para o mundo externo, sem as quais as indicações da realidade não poderiam ser observadas. (Freud, 1917 [1915]: 226)

Assim sendo, podemos compreender que, em Freud, as representações derivam das percepções e, por conseguinte, um vínculo entre a prova de realidade e a percepção é estabelecido.

Ao ler a obra freudiana, aferimos que os processos psíquicos primários não distinguem uma idéia de uma percepção; eles precisam ser inibidos pelo processo psíquico secundário, este, por sua vez, somente pode exercer sua função se houver um ego com depósito energético, com “catexia” suficientemente grande, capaz de retirar a energia necessária para dar início à inibição da descarga – comparável à inervação motora; inibição esta que pretende evitar o desprazer causado pela excitação. Vale fazer a ressalva de que o ego é responsável também para que a atenção ao mundo externo possa ser exercida. Em nosso julgamento, os processos do sistema inconsciente têm tais características: não há negação possível no processo primário (mobilidade de catexias), há atemporalidade e ocorre a substituição da realidade externa pela psíquica.

Não há nesse sistema lugar para negação, dúvida ou quaisquer graus de certeza: tudo isso só é introduzido pelo trabalho da censura entre o Ics. e o Pcs. A negação é um substituto, em grau mais elevado, do recalque. No Ics. só existem conteúdos catexizados com maior ou menor força. (Freud, 1915b: 191)

Ao formular a hipótese da catexia pelo segundo sistema, admitimos que Freud o considere como uma inibição da “descarga de excitação” ocasionada por dois princípios: princípio do desprazer e pelo princípio do dispêndio mínimo de energia. Citamos Freud a fim de confirmar nosso pressuposto: “Retenhamos isto firmemente, pois é a chave de toda a teoria do recalque: *o segundo sistema só pode catexizar uma representação se estiver em condições de inibir o*

[1915]: 226) e em 1927 “Fetichismo” apresenta o método de defesa do ego denominado negação ou repúdio, do original “*verleugnung*”.

desenvolvimento do desprazer que provenha dela” (Freud, 1900: 627). Na nossa óptica, caso haja uma representação que fuja a essa inibição ela tornar-se-á inacessível – em outros termos, “recalcada” – tanto ao primeiro quanto ao segundo sistemas, seguindo o princípio de evitação do desprazer.

Compreendemos que a representação pode vir a ser recalcada, inscrevendo-se inconscientemente sob a forma de um investimento do traço mnêmico em oposição ao desligamento afetivo que antes se encontrava vinculado a tal representação. Contudo, a evitação não precisa ser completada, mas é fundamental que o começo do processo possa ocorrer, dando início, ao desencadeando do próprio “processo de pensamento”.

1.1 Sobre o processo de pensamento

Em nosso entender, o pensar é produzido pela tentativa de reviver uma lembrança de satisfação por outras representações que procuram reproduzir a satisfação experimentada. Entretanto, caso a intensidade das representações tomem maior importância do que o próprio processo de ligação entre elas, isso ocasiona desprazer. Citando Freud a fim de asseverar nosso pressuposto:

O pensar, como um todo, não passa de uma via indireta que vai da lembrança de uma satisfação (...) até uma catexia idêntica da mesma lembrança, que se espera atingir mais uma vez por intermédio das experiências motoras. O pensar tem que se interessar pelas vias de ligação entre as representações sem se deixar extraviar pelas *intensidades* dessas representações (Freud, 1900: 628).

Em nossos estudos, observamos que Freud ressalta ainda desvios e obstruções de representações que ocorrem naturalmente ao largo do processo de pensamento, em meio aos percalços que podem ocorrer com as representações, podemos citar, dentre outros, os processos de condensação, deslocamento, formações intermediárias e de compromisso, sendo que este último diz respeito à formação de sintoma.

Podemos assegurar, desse modo, que o processo de pensamento é feito pelo atrelamento de diversas representações que funcionam de forma defensiva, a fim de evitar o desprazer gerado pelo excesso de excitação, recorrendo, para isso, ao recalque. De acordo com Freud “(...) é precisamente essa transformação

do afeto [de desprazer em prazer] que constitui a essência daquilo a que chamamos ‘recalcamento’” (Freud, 1900: 630).

Os processos primários seriam, em nossa interpretação, os “processos irracionais” que ocorrem no aparelho psíquico e, os atos falhos, os chistes, o humor e sobretudo a sublimação – assunto que será abordado no tópico seguinte – são atividades produzidas pelo psiquismo que conseguem transferir a excitação pré-consciente para a motilidade, burlando, assim, a inibição derivada dos modos de funcionamento primários. Em outras palavras, essas atividades conseguem se libertar da inibição do recalcado. Conforme Freud (1900):

Finalmente, a comprovação do aumento de atividade que se torna necessário quando esses modos primários de funcionamento são inibidos pode ser encontrada no fato de produzirmos um efeito *cômico*, isto é, um excesso de energia que tem de ser descarregado no riso, *se permitirmos que esses modos de pensamento irrompam na consciência* (ibid.: 631)

Embora seja possível, em alguns momentos, burlar o recalque, devemos sublinhar que o notório funcionamento do recalque permanece em constante atividade, podendo ser observável tanto nas patologias humanas quanto na normalidade.

Calcados nos princípios que regem a primeira tópica, podemos dizer que, nesse esforço para evitar o desprazer, o psiquismo humano constrói e/ou descobre formas de lidar com seu sofrimento, a fim de manter o mais baixo grau de excitação possível. É nesse sentido que podemos pensar a defesa inerente ao próprio funcionamento psíquico em termos criativos.

A fim de melhor explicar o funcionamento psíquico de forma criativa, podemos inferir, com base na concepção freudiana, bem como nas presentes citações, que não existe nada mais natural ao humano do que defender-se contra o desprazer e, é somente por isso, que se podem *criar* sonhos, sintomas, desejos, humor, chistes, atos falhos e até mesmo o próprio funcionamento psíquico – com todas as suas especificidades, particularidades próprias a cada ser humano, mas também com aquilo que há de mais universal e natural à existência humana: seu funcionamento e sua existência. “O recalque atua, portanto, de uma forma altamente individual. Cada derivado isolado do recalcado pode ter sua própria vicissitude especial; um pouco mais ou um pouco menos de distorção altera totalmente o resultado.” (Freud, 1915a: 155)

1.2 A incerteza entre recalque e defesa: uma apreensão mais detalhada

Segundo nossa perspectiva sobre a obra freudiana, após a “Interpretação dos sonhos”(1900) o termo defesa tende a ser menos utilizado por Freud; contudo seu caráter genérico conserva-se ao longo de toda a obra. Dentre os mecanismos defensivos, o recalçamento recebe profundo destaque, aludindo Freud:

[...] constituirá uma vantagem indubitável, penso eu, reverter ao antigo conceito de “defesa”, contanto que o empreguemos explicitamente como uma designação geral para todas as técnicas das quais o ego faz uso em conflitos que possam conduzir a uma neurose, ao passo que conservamos a palavra “recalque” para o método especial de defesa (...) (Freud, 1926[1925]: 158-9).

De início, entendemos que o processo de recalçamento era considerado como mecanismo de defesa patológica, podendo ser exemplificado na histeria; Nas patologias neuróticas, o recalque tem normalmente o mesmo rumo, podendo ser descrito miticamente desse modo: inicialmente, há um desejo inconsciente que é contrário ao que possa ser suportado na consciência; esse desejo versus a moral do sujeito gera um conflito psíquico que é traumático e prematuro, suscitando o desprazer que deve ser evitado; para tal, evita-se o desejo inconsciente e com isso, o processo de recalçamento se dá. Podemos confirmar, nosso ponto de vista, sobre o processo de recalçamento, através da passagem contida nas “Cinco lições de Psicanálise” (1910):

Talvez possa ilustrar o processo de recalçamento e a necessária relação deste com a resistência, mediante uma comparação grosseira, tirada de nossa própria situação neste recinto. Imaginem que nesta sala e neste auditório, cujo silêncio e cuja atenção eu não saberia louvar suficientemente, se acha no entanto um indivíduo comportando-se de modo inconveniente, perturbando-nos com risotas, conversas e batidas de pé, desviando-me a atenção de minha incumbência. Declaro não poder continuar assim a exposição; diante disso alguns homens vigorosos dentre os presentes se levantam, e após ligeira luta põem o indivíduo fora da porta. Ele está agora “recalcado” e posso continuar minha exposição. Para que, porém, se não repita o incômodo se o elemento perturbador tentar penetrar novamente na sala, os cavalheiros que me satisfizeram a vontade levam as respectivas cadeiras para perto da porta e, consumado o recalque, se postam como “resistências”. Se traduzirmos agora os dois lugares, sala e vestíbulo, para

a psique, como “consciente” e “inconsciente”, os senhores terão uma imagem mais ou menos perfeita do processo de recalçamento (Freud, 1910[1909]: 40).

Porém, notamos que o recalque não se mantém intacto, havendo um “retorno do recalçado” – por lembranças correspondentes – e, concomitantemente, a formação de um sintoma primário que resiste ao recalçamento. Há ainda, um estágio em que “as idéias recalçadas retornam e em que, durante a luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas, que são os da doença propriamente dita” (Freud, 1896: 269). Na histeria, o recalçamento leva à conversão somática e na neurose obsessiva o recalçamento consegue isolar a idéia incompatível do afeto vinculado à mesma.

Em concordância com Souza, vale observar que, dentre as diversas modalidades de defesa, inclui-se o recalque como “função estrutural na constituição da subjetividade, e isto de modo muito mais extensivo do que o que se podia depreender em Freud, para quem o recalque ainda consistia, com exceção da hipótese do recalque primário, em uma defesa patogênica” (Souza, 2003: 116).

Posteriormente, com as modificações da segunda tópica, vemos corroborar a amplitude que o recalque ganha nesse segundo momento da obra freudiana, mas, com a advertência – por consequência dessa amplitude – de que o recalque não raramente recebe significados distorcidos, muitas vezes, confundindo-se com o conjunto de técnicas defensivas utilizadas pelo Eu para manejar seus conflitos psíquicos; como aquilo que protege o Eu contra exigências pulsionais. Nas palavras de Laplanche: O recalque é, por vezes, confundido com “um conceito englobante que exprimiria o conjunto das técnicas defensivas utilizadas para manejar o conflito psíquico” (Laplanche, 1970).

A explicitação dessa confusão entre defesa e recalque, aparece até mesmo na discordância entre os comentadores freudianos. Por exemplo, na perspectiva de Strachey, haveria duas espécies de recalçamento na descrição freudiana da neurose obsessiva no caso do “homem dos Ratos” (1909). Todavia, Laplanche (1970) discorda dessa afirmação, notando que Freud ao tratar de “defesas secundárias (defesas contra o próprio sintoma) nunca as qualifica de ‘recalçamentos’ secundários” (Laplanche, 1970: 554).

Nesta abordagem generalizada do recalque é que percebemos uma dificuldade em discerni-lo da defesa, ocasionando assim, uma contínua dúvida entre recalque e defesa. Mencionando Freud:

Essa má compreensão por parte da consciência pode ser vista atuando não apenas com relação às próprias idéias obsessivas, mas também com referência aos produtos da luta defensiva secundária, tais como, por exemplo, as fórmulas de proteção. (...) as suas forças defensivas permitiram-se enganar pelas forças recalçadas (Freud, 1909: 196).

Freud, em “História do movimento psicanalítico”, anuncia que “A teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (Freud, 1914: 26). Dessa forma, percebemos em nosso estudo que a teoria do recalque e a da resistência são *descobertas* psicanalíticas, inferências teóricas comprovadas em diversos casos clínicos; e não *premissas*, distinguindo-as das premissas de natureza biológicas e psicológicas.

A possibilidade do recalque vir a ser considerado um mecanismo defensivo específico, na nossa óptica, ocorre somente, em 1915, quando o mesmo passa a ser considerado como um mecanismo de defesa especial ou então um destino da pulsão passível de ser compreendido e utilizado como defesa.

Compreendemos o recalque como um conceito formulado na fronteira entre a impossibilidade da fuga egóica e a condenação ao desprazer. Citando um fragmento freudiano que confirma nossa interpretação, “o ego não pode escapar de si mesmo” (Freud, 1915a: 151). Sob nosso entender, embora, a pulsão tenda sempre à satisfação, há circunstâncias em que o prazer é transformado em desprazer, como, por exemplo, no caso de dor. A dor, como imperativo máximo, cede somente pela utilização de alguma droga, “agente tóxico”, ou pela influência de distrações mentais. Mais uma vez, podemos compreender a dinâmica de funcionamentos mentais em termos defensivos, nesse caso, defesa contra a dor. Todavia, assinalado por Freud, nos casos extremos de falta de satisfação o recalque não ocorre.

Contudo, é facilmente observável, que na quase totalidade dos casos, haveria, concomitantemente, uma satisfação pulsional – um prazer – por um lado e um desprazer por outro. Para que haja o estabelecimento do recalque é

necessário que a força motora do desprazer seja maior do que o prazer obtido pela satisfação. Esta é a sua condição.

Embasada pelo nosso estudo sobre as neuroses em Freud, podemos afirmar que o recalque não é um mecanismo de defesa que está presente desde o início; ele surge pela “cisão marcante entre a atividade mental consciente e a inconsciente; e [...] a *essência do recalque consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância*” (Freud, 1915a: 152). Mesmo antes dessa organização mental, cujo processo pode ser visualizado nos casos de histeria, de neurose obsessiva, de demência precoce e noutras afecções narcisistas; entendemos que o trabalho de repelir os impulsos pulsionais era exercido por outras vicissitudes da pulsão.

Sobre o recalque primário, Freud supõe:

[...] existe um recalque primevo, uma primeira fase do recalque, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) da pulsão. Com isso, estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele (Ibid.: 153).

Nessa passagem, percebemos instaurar-se a tão referida imprecisão entre os conceitos de defesa e recalque; provocada pela ampla dimensão exercida pelo recalque primário. Este, por sua vez, incide não na pulsão propriamente – embora haja uma fixação – mas, nos representantes pulsionais que não têm acesso à consciência. Conforme Laplanche, “assim se encontra criado um primeiro núcleo inconsciente funcionando como pólo de atração para os elementos a recalcar” (Laplanche, 1970: 556).

Segundo nosso estudo, o recalque secundário, seria pois, o recalque propriamente dito. Ele afeta as derivações mentais do representante recalcado e produz sucessões de pensamento. Entretanto, essas derivações não se originam do mesmo lugar do qual o recalque primário advém. As sucessões de pensamento, descritas imediatamente acima, fabricam uma ligação associativa com o representante recalcado e, por tais associações, podemos averiguar que essas idéias têm destino similar àquilo que sofrera recalque originário.

Nossas leituras, induziram-nos a que haveria pois, um duplo processo – atração aliada à repulsa: uma atração pelo que fora repelido primeiramente com aquilo que pode estabelecer uma ligação com o mesmo. Para que haja recalque são necessárias duas forças atuantes: “algo previamente recalcado pronto para receber aquilo que é repelido pelo consciente (Freud, 1915a.: 153)”. Porém,

seria errôneo dizer que aquilo que deve ser recalçado somente viria de uma rejeição consciente; temos que acrescentar, deste modo, repulsas de origem inconsciente.

O recalque, no entanto, não impede que o representante pulsional continue existindo inconscientemente e produzindo organizações, derivações, estabelecendo ligações etc. “Na verdade, o recalque só interfere na relação do representante pulsional com o único sistema psíquico, a saber, o do consciente” (Ibid.:154). Mas, seria errôneo também afirmar que todas as derivações conscientes conseguem ser suprimidas pelo recalçamento.

Vale notar que a fluência do representante pulsional está inversamente relacionada com a expressão consciente, ou seja, quanto menos interferência o representante pulsional sofrer do sistema consciente pela expressão, melhor será seu grau de profusão – força pulsional extraordinária e perigosa –, ou ainda, quanto mais afastadas do representante recalçado estiverem as derivações subseqüentes, mais livremente elas poderão ter acesso à consciência. Essa força ilusória da pulsão resulta do desenvolvimento desinibido da fantasia e do represamento ocasionado pela satisfação frustrada; este último atua sinalizando para o verdadeiro propósito da instauração do recalçado, a saber: evitar que o representante pulsional – pulsões sexuais ou libidinais – incompatível com o ego atinja a consciência.

A mobilidade – presente no estado de sonho, nos chistes, atos falhos etc. – e o funcionamento totalmente individual, particular, são características do recalçado, que necessita de um permanente dispêndio energético para manter-se com êxito, ou seja, não se deixar sucumbir à contínua pressão que tende ao consciente, esta seria, a nosso ver, a descrição dinâmica da operação de recalçamento.

A responsabilidade pelo processo ou não de recalçamento recai sobre a intensidade do conflito psíquico, significando, pois, que o recalque somente se torna realizável, se houver um grau elevado de conflito psíquico; caso contrário, a idéia adversa pode manter-se conscientemente. Essa quota de afeto, fator quantitativo do representante pulsional, possui três vicissitudes possíveis, a saber: “ou a pulsão é inteiramente suprimida, de modo que não se encontra qualquer vestígio dela, ou aparece como um afeto que de uma maneira ou de

outra é qualitativamente colorido⁸ ou transformado em angústia” (Freud, 1915a: 158).

Entendemos que na tentativa de provocar inversão do desprazer, transformando-o em prazer, as forças mentais desenvolvem “técnicas especiais” como, por exemplo, os chistes, a sublimação, os atos falhos. “[...] sempre que um dispositivo técnico desse tipo entra em funcionamento, elimina-se o recalçamento de um representante pulsional que, de outro modo, seria repudiado” (Freud, 1915a: 155). Em outros termos, podemos dizer que o chiste, os atos falhos, bem como a sublimação, burlam o recalque. Por outras palavras ainda, a sublimação exerce papel importante porque constitui numa saída positiva, uma espécie de “interface alternativa” precoce e criativa que, num exercício lúdico, podemos considerar como um jogador que esbanja vantagem sobre o adversário, em cujo cerne está o processo de recalçamento.

No processo analítico, acreditamos ser possível ratificar a atração pelo recalçamento, baseando-nos na seguinte citação freudiana: “(...) o paciente pode continuar a desfiar sua meada de associações, até ser levado de encontro a um pensamento, cuja relação com o recalçado fique tão óbvia, que o force a repetir sua tentativa de recalque” (Freud, 1915a: 154).

Em nosso entender, os sintomas e as formações substitutivas denunciam o “retorno do recalçado”, contudo estes não se originam do processo de recalçamento, mas sim dos processos que o antecedem. Imerso pela ambivalência afetiva, na neurose obsessiva, o substituto do representante pulsional ocorre por deslocamento, no qual o impulso sádico condenado ao recalque é inserido através da formação reativa. Em outros termos, a formação reativa na neurose obsessiva se produz devido à ambivalência afetiva gerando no ego desprazer e uma sensação de perigo: caso seja possível manter conscientemente o sentimento oposto à afeição, este é obrigado a sofrer distorção pelo recalçamento; salvo os casos em que o conteúdo permanece inconsciente.

Aprendemos, em nossos estudos sobre a histeria que a quota de afeto aliada ao conteúdo ideacional do representante pulsional (representante ideativo da pulsão - elemento ligado ao recalçamento originário) é totalmente retirada da

⁸ Como no caso de processos criativos.

consciência, como se fosse um substituto “e ao mesmo tempo como um sintoma – temos uma inervação superforte (em casos típicos de inervação somática), às vezes de natureza sensorial, às vezes, motora, quer como uma excitação, quer como uma inibição” (Ibid.: 160). Na neurose obsessiva, os elementos do representante psíquico, que recebem destaque são as idéias, ou uma idéia catexizada. Mais detidamente, supomos que Freud considera essa área superinervada como parte integrante do próprio representante pulsional reprimido, verificado através do processo de conversão – atraindo, condensando todo o investimento para si mesmo.

É digno de nota que: 1) o mecanismo do recalque “não coincide com o mecanismo de formação de substitutos; 2) existem numerosos e diferentes mecanismos de formação de substitutos; e 3) os mecanismos de recalque têm pelo menos uma coisa em comum: *uma retirada da catexia de energia (...)*” (Ibid.: 159)

O recalque não incide nem na pulsão, nem no afeto, mas nos representantes ideativos da pulsão⁹, ligados ou provindos do recalçamento primário.

Retornando à descrição metapsicológica, podemos afirmar, portanto, que o recalçamento, em sua dimensão tópica, é descrito, sobre os preceitos da primeira tópica, como manutenção fora da consciência; na segunda tópica, descrito como operação defensiva do ego em sua instância inconsciente. Do ponto de vista dinâmico, o estudo recai sobre os motivos da operação de recalçamento; e no aspecto econômico, o recalque incide nos representantes pulsionais sobre o mecanismo complexo de desinvestimento, reinvestimento e contra-investimento.

1.3 Da defesa à modalidade defensiva: sublimação

Podemos frisar agora, a partir do que já descrevemos, que a sublimação burla o recalque, justificando, assim, nosso exame sobre o processo de recalçamento e introduzindo o próximo mote de estudo.

⁹ Sobre a pulsão, o conceito será abordado ao tratarmos da sublimação no próximo tópico.

Podemos depreender, na obra de Freud, a defesa como processo criativo, tendo em vista que toda organização psíquica se estrutura a partir da necessidade defensiva humana. Dizendo de outra forma, a defesa produz forçosamente mecanismos psíquicos altamente complexos, para lidar com o desejo, a pulsão ou mesmo contra o trauma. Esses processos psíquicos são elaborados, *criados* defensivamente, de forma surpreendente, inovadora e única. Pois é inerente ao humano construir meios inovadores para lidar contra desconfortos psíquicos, daí denominá-los criativos: tanto em sua forma mais genérica quanto na sua especificidade – capacidade inerente a cada ser humano de defender-se de forma particular. A criatividade subjetiva se presentifica na escolha de modalidades defensivas ou mesmo na condução psíquica, evitando desconforto; isso significa dizer que a defesa procura reduzir o excesso de energia de origem externa ou interna no aparelho psíquico, e a criatividade é aquilo, particular a cada um, que escolhe uma determinada maneira de se defender.

Conforme Souza (2003), a concepção de defesa surge desde os primórdios da obra freudiana; entretanto, há um constante remanejamento deste conceito ao longo de toda a obra como também na dos autores pós-freudianos, tais como Lacan, Bion, Laplanche, Klein etc, aqui citados meramente com fins ilustrativos já que pretendemos somente nos ater à concepção freudiana sobre o processo defensivo.

Portanto, a defesa pode ser entendida como pilar de todo psiquismo, ou melhor, é sob a forma defensiva que o psiquismo pode vir a se estruturar e funcionar e, inerente a esse processo, está a capacidade criativa.

Procuramos nesse primeiro capítulo, construir um arcabouço teórico que confirme a compreensão de que todos e quaisquer processos psíquicos dão-se pelos moldes defensivos.

Dentre a existência de diversas modalidades defensivas introduziremos a modalidade defensiva - estreitando o tema genérico sobre criatividade na concepção freudiana - a saber: a sublimação.

Previamente, afirmamos que a sublimação, no que versa a primeira tópica, estaria regida pelo princípio de prazer e portanto, como uma modalidade de defesa, implica na renúncia da satisfação pulsional. Citando Kupermann:

A sublimação não deixaria de ser, em última instância, uma forma de renúncia da satisfação, uma defesa, ainda que a mais elevada modalidade de defesa da qual poderiam dispor alguns psiquismos privilegiados, e estaria submetida ao princípio de realidade e suas exigências, em prol do trabalho comum (Kupermann 2003: 68).

Nesse sentido podemos até estender o conceito de sublimação – se entendida como renúncia da satisfação pulsional – como estruturante e inerente a quaisquer funcionamentos psíquicos, generalizando o contexto sublimatório não somente para atos criativos, mas para todo processo psíquico, sendo, em última instância, defensivo.

Na segunda tópica, a sublimação, descrita em seu viés criativo, implica em criar novas formações psíquicas movidas pelo erotismo e aptas a produzir objetos que resultam em satisfação erótica e cultural. Isto significa dizer que tais formações psíquicas não estão mais regidas pela égide da dessexualização pulsional; como também, observar o movimento pulsional no interior do confronto entre a intensidade da pulsão e o desamparo imposto pelo ato da criação. Ou seja, entre a criação de um novo objeto e o objeto anterior – este último inserido dentro do circuito pulsional - há uma incerteza e necessidade de criar-se algo, incerteza, esta, frente ao desamparo inerente ao ato criacional.

A sublimação obriga a produção de novos objetos, bem como a construção de novas formações psíquicas que buscam satisfazer Eros; esse movimento inerente à criação revela a existência defensiva do funcionamento psíquico.